



O ENSINO DA ARTE NA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL: UMA POSSIBILIDADE DE HUMANIZAÇÃO POR MEIO DA MANIFESTAÇÃO ARTÍSTICA

ROMERO, Adriani de Oliveira Bolato (G/FECILCAM)
adrianiromeropedagogia@gmail.com
SCHERER, Cleudet de Assis (OR/FECILCAM)
cleudet@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo intenta desvelar os resultados de uma análise da possibilidade de humanização por meio da manifestação artística, que se deu por intermédio da aplicação de um projeto de estágio supervisionado num Centro de Integração do município de Campo Mourão – PR. Vislumbramos no movimento cultural Hip Hop uma ponte articuladora para traçar possíveis analogias com as outras Artes, em que, por meio de uma contextualização histórica e cultural do que seja o Hip Hop, especificando os elementos que o compõem, discutiremos a manifestação artística como um modo de sensibilizar e expressar sentimentos, analisando a sua contribuição para a humanização dos sujeitos. Para tal, respaldamo-nos no Materialismo Histórico Dialético e na Teoria Histórico-Cultural como referencial teórico, porquanto são abordagens que voltam um olhar para o homem enquanto um ser histórico e social, alçando pela formação integral deste. Assim, delinearemos as especificidades do ensino da Arte e sua esfera humanizadora, de modo a rarear as principais contribuições e limites deste ensino no âmbito da Educação Não-Formal.

Palavras-chave: Educação Não-Formal. Artes. Manifestação Artística. Humanização.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado da aplicação de um projeto pedagógico de estágio supervisionado em um Centro de Integração do município de Campo Mourão – PR, com vistas à atuação do pedagogo na Educação Não-Formal, normatizada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia-Licenciatura, aprovada em 15 de maio 2006, por meio da Resolução do Conselho Nacional de Educação – Conselho Pleno nº. 01 – que regulamenta e define a organização dos cursos de Pedagogia no país. Especificamente no Artigo 5º, Inciso IV, faz referência ao trabalho do pedagogo em espaços não-escolares – ou Educação Não-Formal – salientando que o egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto a desenvolver práticas pedagógicas tanto em espaços escolares quanto em não-escolares, promovendo a aprendizagem do ser humano nas diferentes fases de seu desenvolvimento e nos diversos níveis e modalidades educacionais. (BRASIL, CNE, 2006).

Nesse sentido, temos por finalidade apresentar os resultados obtidos com a aplicação de tal projeto pedagógico, que fora especificamente desenvolvido em uma sala composta por 17 crianças e adolescentes entre 10 e 14 anos.

Assim, por meio de uma contextualização histórica e cultural do que seja o Hip Hop, especificando os elementos que o compõem, discutiremos a manifestação artística como um modo de expressar sentimentos e sua contribuição para a humanização dos sujeitos.

Justificamos a nossa pesquisa pelo fato da Educação Não-Formal possibilitar flexibilidade em relação ao tempo e espaço, propiciando ao indivíduo uma aprendizagem que respeite o seu desenvolvimento individual. Com base no projeto proposto pela coordenação dos Centros de Integração de Campo Mourão, o qual elenca o tema “Despertar Sentimentos”, buscamos no ensino da Arte uma possibilidade de humanização do ser. Escolhemos o Hip Hop como o movimento cultural norteador das práticas realizadas no Centro de Integração, visto que tal movimento abarca manifestações artísticas que vão ao encontro da sensibilidade, além de que faz parte da realidade social e cultural dos alunos.

Por meio das observações realizadas no Centro de Integração, verificamos que as crianças e adolescentes que o frequentam são, em sua maioria, sujeitos advindos de bairros pobres, que são privados da garantia dos direitos básicos de saúde, lazer, moradia, alimentação e educação. Diante disso, nos detemos às seguintes problemáticas: De que forma e até que ponto é possível à humanização de sujeitos que vivem em condições sociais desfavorecidas por meio da manifestação artística? Qual a especificidade da Educação Não-Formal frente à formação desses sujeitos? De que forma o ensino de Artes pode ir ao encontro das necessidades sociais e culturais do homem? São desses questionamentos que o presente artigo se ocupará.

2 A EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL E SUAS ESPECIFICIDADES NO CENÁRIO BRASILEIRO

Buscamos em Libâneo (2005) rarear o que seja a Educação Não-Formal e quais são suas especificidades, em que o autor salienta:

A educação *não-formal*, por sua vez, são aquelas atividades com caráter de intencionalidade, porém com baixo grau de estruturação e sistematização, implicando certamente relações pedagógicas, mas não formalizadas. Tal é o caso dos movimentos sociais organizados na cidade e no campo, os trabalhos comunitários, atividades de animação cultural, os meios de comunicação social, os equipamentos urbanos culturais e de lazer (museus, cinemas,

praças, áreas de recreação) etc (LIBÂNEO, 2005, p. 81-82, grifo do autor).

A escola – Educação Formal – possui um vínculo estreito com a Educação Não-Formal, exemplo de tal relação são as atividades extraescolares promovidas pelas instituições escolares.

Nesse sentido, com o intuito de compreender o contexto histórico que permeou a Educação Não-Formal, respaldamo-nos na obra “Educação Não-Formal e cultura política: Impactos sobre o associativismo do terceiro setor” de Maria da Glória Gohn, em que a autora traça uma breve rota percorrida pela Educação Não-Formal durante os últimos 40 anos. Segundo Gohn (2001) esta modalidade educacional tinha pequena importância no Brasil, às atenções eram sempre voltadas à educação formal, e a primeira era visualizada apenas como uma extensão desta, e só a partir dos anos 90 começou a cativar alguns olhares por decorrência de mudanças econômicas, e então se passou a valorizar as atividades e vivências grupais com o intuito de adquirir “habilidades extra-escolares” (GOHN, 2001, p. 92). Contudo, não foram apenas essas mudanças de cunho econômico que culminaram transformações nessa modalidade educacional. Foi realizada uma conferência no ano de 1990, na Tailândia, na qual foram elaborados dois documentos: “Declaração mundial sobre educação para todos” e “Plano de ação para satisfazer necessidades básicas da aprendizagem”, em que ambos configuraram novas possibilidades de trabalho no campo educacional, uma vez que os documentos ampliaram “o campo da educação para outras dimensões além da escola” (GOHN, 2001, p. 93). Assim, a autora destaca que:

A partir da definição de necessidades básicas da aprendizagem, vistas como “ferramentas essenciais para a aprendizagem” e de seus novos “conteúdos básicos”, abrangendo, além dos conteúdos teóricos e práticos, valores e atitudes para viver e sobreviver, e a desenvolver a capacidade humana, os documentos da conferência ampliam o campo da educação para outras dimensões além da escola (GOHN, 2001, p 93).

Dessa forma, abriu-se um leque com maiores possibilidades de trabalho na Educação Não-Formal.

Conforme GOHN (2001, p. 102) elenca em sua obra, “Na educação não-formal a cidadania é o objetivo principal, e ela é pensada em termos coletivos. [...] organizam-se processos de reciclagem ou formação, segundo determinadas demandas sociais.” Nesse sentido, essa modalidade de ensino deve propiciar ao indivíduo vivências que ocasionem a construção de um senso crítico, e isso só pode ocorrer por meio de práticas conscientes e

planejadas de forma a ir ao encontro das necessidades do sujeito. Contudo, pensemos o termo cidadania em suas proporções mais vastas, delineando a seguinte questão: Até que ponto extremo de liberdade vai o exercício de cidadania do homem na sociedade atual? Propomo-nos a desvelar esta problemática no decorrer na seguinte subseção.

Podemos entender a modalidade de educação em questão como uma forma de adquirir conhecimentos e saberes por meio das práticas sociais que se preconizam na mesma, que, além disso, oferece flexibilidade em relação a tempo e espaços, culminando no desenvolvimento e aprendizagem do aluno. Assim, “a maior importância da educação não-formal está na possibilidade de criação de novos conhecimentos, ou seja, a criatividade humana passa pela educação não-formal”. (GOHN, 2001, p. 104). Desse modo, vislumbramos nessa modalidade de educação uma possibilidade de articulação com o ensino de Artes.

2.1 A EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL E SEU VÍNCULO COM O TERMO CIDADANIA: DESMISTIFICANDO CONCEITOS

Como já mencionado anteriormente, a Educação Não-Formal possui um vínculo estreito com o termo cidadania, em que, segundo Gohn (2001), este é o objetivo central desta modalidade de educação. Contudo, devemos refletir sobre a mendicância existente em torno deste termo, bem como qual é a concepção deste que está arraigada no discurso dominante.

De acordo com Tonet (2005), o termo cidadania tornou-se comum, entretanto, utilizado de forma errônea e banal, restringindo-se apenas aos aspectos internos da dimensão política, “[...] sempre vista como um instrumento para equilibrar as desigualdades sociais e não para erradicá-las” (TONET, 2005, p. 472).

Assim, trataremos aqui de duas concepções de cidadania, a emancipação política – parcial e limitada –, e a emancipação humana – ilimitada e plena –. Segundo Tonet (2005), apesar dos benefícios da emancipação política - aquela que permite ao homem exercer os seus direitos civis e políticos –, esta concepção de cidadania é parcial e limitada, pois em seu vigor, é possível que o homem seja um cidadão sem deixar de ser explorado por meio dos mecanismos da sociabilidade capitalista. Desse modo, por mais pleno que seja o exercício da cidadania pautado na emancipação política, esse jamais alcançará a plenitude do homem, o que só é possível com a ruptura das classes sociais, pois:

[...] a emancipação política (da qual fazem parte a cidadania e a democracia) é uma forma essencialmente limitada, parcial e alienada

de liberdade, já que está indissolúvelmente ligada ao ato fundante da sociabilidade capitalista (TONET, 2005, p. 482).

Em contraponto, a emancipação humana vai ao encontro de uma formação integral do homem, bem como na divisão igualitária dos bens de consumo. Assim, esta concepção de emancipação vem a ser um processo de sociabilidade:

A emancipação humana, [...], por estar fundada no ato de trabalho mais livre possível, que é o trabalho associado, representa o espaço onde os homens podem ser efetivamente livres, onde eles podem realizar amplamente as suas potencialidades e onde podem, de fato, ser senhores do seu destino (TONET, 2005, p. 482).

Desse modo, a distinção maior entre emancipação humana e política se encontra no fato da primeira possuir um caráter integral e ilimitado, enquanto a outra é totalmente limitada, dotada de parcialidade.

Tomada consciência disso, devemos partilhar de uma educação mediadora de uma atividade social que pretenda efetivar a apropriação de conhecimentos cientificamente elaborados, propiciando ao homem uma formação integral, capaz de identificar sua condição social.

Contudo, frente a uma sociedade dividida entre classes, o poder dominante estará sempre determinando a educação, sendo esta um mecanismo utilizado para a manutenção dessa ordem social. Há, contudo, propostas para uma educação humanamente emancipadora, entretanto, esta não pode ser efetivada plenamente em uma sociedade que impõe limites ao homem enquanto um ser social.

Os requisitos para uma atividade educativa emancipadora são, primeiramente, conhecer de forma profunda e contundente o que seja emancipação humana, sabendo distingui-la de cidadania. É de extrema relevância também que se tenha conhecimento no que diz respeito ao processo histórico real e suas dimensões universais e particulares, porquanto o processo educacional se delinea em dados momentos históricos, e isso influencia tal processo, bem como a compreensão da lógica capitalista, a qual está calcado o molde de produção da sociedade atual.

Deve-se entender a natureza da educação, identificando suas especificidades, para que não ocorram atribuições errôneas à finalidade da educação.

O domínio dos conteúdos específicos de cada área é um fator determinante para o professor, em vista de que, tal domínio, possibilita uma formação integral, articulando a cientificidade à prática social, travando uma relação intrínseca entre as atividades educativas e as lutas encadeadas em prol de uma divisão igualitária dos bens de consumo.

Dessa maneira, não faz parte da natureza da educação promover uma reconstrução da sociedade, mas a atividade educativa pode, contudo, contribuir de forma favorável para este processo, pois a educação não transforma a sociedade, todavia, pode instrumentalizar o homem para tal, e isso por meio da transmissão do conhecimento cientificamente elaborado.

2.2 CARACTERIZAÇÃO DO CENTRO DE INTEGRAÇÃO

O Centro de Integração ao qual escolhemos para analisar tem a Secretaria de Ação Social como entidade mantenedora e o Centro de Referência da Assistência Social – CRAS, como entidade executora, tendo como missão promover e assegurar a integração socioeducativa da criança e do adolescente, de forma a defendê-los em situação de vulnerabilidade social, assim como afirma o documento que identifica e norteia os Centros de Integração do município de Campo Mourão:

O Centro de Integração é um programa de Ações socioeducativas e de convivência PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), o qual teve o seu início no ano de 2001, devido à existência em nosso município de crianças e adolescentes em situação de risco pessoal, vulnerabilidade social, trabalho infantil e mendicância. É um programa que possui registro tanto no CMAS – Conselho Municipal da Assistência Social, como no CMDCA – Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, e no Educacenso desde o ano de 2008 (SECRETARIA DA AÇÃO SOCIAL, 2011, p. 2).

Em vista disso, podemos confirmar que o público alvo do Centro de Integração são crianças e adolescentes provenientes de famílias de baixa renda, considerados em situação propensa à vulnerabilidade social, bem como os que são beneficiados pelo Programa Bolsa Família e PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil.

Durante as observações efetivadas na instituição, averiguamos que não havia nenhum trabalho com a Arte de forma coerente, ou seja, as atividades artísticas bem como oficinas de dança, música ou artesanato, não contemplavam o reconhecimento das especificidades históricas e culturais de cada um desses movimentos artísticos, além de que não estabeleciam relações com a realidade social dos alunos.

Assim, pensamos em desenvolver um projeto voltado à articulação entre as Artes, perpassando pelas diversas manifestações artísticas, como dança, música, arte circense, poesia e pintura. Para tal, buscamos partir da realidade cultural dos alunos, vislumbrando no movimento cultural Hip Hop uma excelente ponte articuladora.

3 O MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO E A TEORIA HISTÓRICO CULTURAL: UMA ABORDAGEM PEDAGÓGICA COERENTE

Nosso intuito principal foi de, por meio da Arte, levar as crianças e adolescentes do Centro de Integração a desvelar a sensibilidade artística, promovendo a expressão de sentimentos. Para tal, respaldamo-nos no materialismo histórico dialético como método de abordagem, visto que o mesmo é calcado na compreensão do homem como um ser vinculado à história, e que é determinado pelas relações sociais.

Nesse sentido, Meksenas (2005, p. 85) explica que “o conhecimento da natureza e do ser humano realiza-se por meio da influência que os indivíduos recebem das relações sociais tornadas econômicas”. Assim, para atender às especificidades dos indivíduos, é necessário compreender a sociedade na qual os mesmos estão inseridos, de forma a identificar as ideologias e contradições camufladas pelo modo de produção capitalista.

De acordo com Marx (1991), a sociedade influi nas relações do indivíduo, entretanto o mesmo pode também incutir ações sobre a sociedade, de forma a modificá-la. Com relação a este pensamento de Marx, Meksenas (2005, p. 89) faz a seguinte analogia: “Assim, ao ser professor, tenho consciência de que a aula que ministro pode vir a ser uma intervenção social capaz de contribuir para transformar ou reproduzir a sociedade”.

Triviños (1992) salienta que o pesquisador pertencente à concepção marxista da realidade deve possuir uma ideia clara do que sejam os conceitos capitais do materialismo histórico, destacando que:

O pesquisador que segue uma linha teórica baseada no materialismo dialético deve ter presente em seu estudo uma concepção dialética da realidade natural e social e do pensamento, a materialidade dos fenômenos e que se estes são possíveis de conhecer. Estes princípios básicos do marxismo devem ser completados com a ideia de que existe uma realidade objetiva fora da consciência e que esta consciência é um produto resultado da evolução do material, o que significa que para o marxismo a matéria é o princípio primeiro e a consciência é o aspecto secundário, o derivado (TRIVIÑOS, 1992, p. 73).

Assim, podemos entender que o pesquisador embasado na concepção materialista dialética deve compreender a realidade concreta do fenômeno pesquisado, de forma a entendê-lo a partir de suas contradições e dentro do processo histórico de transformação no qual está inserido.

A partir de princípios do materialismo histórico-dialético, Vigotski organizou a teoria Histórico-Cultural, na qual supõe a aprendizagem de acordo com o meio social. Vigotski

(2007, p. 100) afirma que “o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam”.

Vigotski (2007) não nega a função biológica no ser humano, bem como as funções elementares – reflexos, reações automáticas e associações simples – contudo, volve um olhar à função social como mediadora do desenvolvimento, na qual, por meio de estímulos e experiências sociais, o indivíduo desenvolve as suas funções psicológicas superiores, bem como a atenção voluntária, a linguagem, o pensamento, a imaginação etc.

De acordo com esse autor, a aprendizagem da criança se dá em dois níveis, o interpsicológico, em que a aprendizagem se dá entre as pessoas, por meio da mediação do outro; e o intrapsicológico, em que a aprendizagem se dá no interior da criança, por meio da apropriação do conhecimento. Assim, a aprendizagem e o desenvolvimento da criança se dão em conformidade com os meios sociais pelos quais a mesma é estimulada, sejam eles concretos ou simbólicos. Em âmbito educacional, podemos inferir que a aprendizagem move o desenvolvimento, o que torna tão importante o processo de ensino pautado na realidade do aluno.

A esse respeito, buscamos ensinar a Arte partindo da realidade do aluno, de forma a inseri-lo num processo de ensino e aprendizagem que lhe desperte interesse e venha contribuir com as suas necessidades culturais e sociais.

4 O HIP HOP ENQUANTO MANIFESTAÇÃO ARTÍSTICA: UM PONTO DE PARTIDA PARA A ARTICULAÇÃO COM AS OUTRAS ARTES

Com vista no caráter da Educação Não-Formal, buscamos em nossa prática, partir da realidade cultural e social do aluno, e em detrimento disso, com o intuito de ensinar a Arte como forma de expressão de sentimentos, de modo a humanizar o sujeito e estimular a sua capacidade criativa, vemos no Hip Hop uma manifestação artística que preenche com magnitude o papel de Arte vinculada à realidade do indivíduo oriundo das camadas periféricas. Encontramos nas Diretrizes da Educação Básica para a disciplina de Artes (PARANÁ, 2008) alguns encaminhamentos referentes ao ensino da Arte, porquanto mesmo que em ambiente não-escolar, a metodologia abordada nas Diretrizes Curriculares da Educação – doravante DCEs – é de extrema importância no que diz respeito à aprendizagem dos sujeitos. As DCEs (2008) elencam os quatro eixos norteadores do ensino da Arte, que são a dança, o teatro, a música e as artes visuais, dos quais desenvolvemos de forma articulada três desses, sendo eles a dança (break), a música (Rap) e as artes visuais (grafite e artes plásticas).

Assim, no que diz respeito ao ensino da Arte envolto pela apreciação das artes plásticas, tivemos a pretensão de, ao expor a obra “Noite estrelada sobre o Ródano” de Vincent Van Gogh, traçar as analogias com as obras de grafite, em que:

[...] espera-se que o aluno perceba que, no processo de composição, o artista imprime sua visão de mundo, a ideologia com a qual se identifica, o seu momento histórico e outras determinações sociais. Além de o artista ser um sujeito histórico e social, é também singular, e na sua obra apresenta uma nova realidade social (PARANÁ, 2008, p. 71).

É com esse intuito que levamos as artes plásticas para a apreciação e análise dos alunos, sendo que os mesmos puderam fazer analogias entre os artistas, as obras e os contextos históricos, sociais e culturais. Porquanto Buoro (2001) também infere a esse respeito:

A vida adquire sentido para o ser humano à medida que ele organiza o mundo. Por meio das percepções e interpretações, os sistemas externos da realidade são mapeados nos sistemas internos do ser, e o cérebro humano vai também se desenvolvendo no contato com essa realidade (BUORO, 2001, p. 19).

A Arte expressa às visões de mundo do ser humano de acordo com o seu contexto histórico, social e cultural. No artigo “As novas exigências histórico-educacionais do ensino de Artes na contemporaneidade” de Gabriela de Angelis Barros e João Luiz Gasparin, é apresentada a importância da Arte enquanto forma de representação humana do real,

A arte representa uma das formas possíveis de expressar o real em um determinado momento histórico. A manifestação artística expressa por meio de símbolos a história da vida dos homens, dos conflitos e das condições materiais que lhe permitiram ser homem. Na representação artística está consubstanciada a forma de ser, pensar e agir do homem. Ela possui a função generalizante de armazenar em seu interior condições históricas, econômicas e culturais que possibilitaram a produção da mesma (BARROS; GASPARIN, 2009, p. 1).

Ou seja, a vida só ganha sentido quando o homem consegue organizar o mundo a partir da internalização dos sistemas externos. O homem é um ser social, não existindo o homem puro, estritamente biológico, porquanto este se desenvolve de acordo com as relações que estabelece com a natureza e com os outros homens. Sendo assim, vislumbra-

se na Arte uma forma de representação do mundo real no qual o homem está inserido, para que desse modo ocorra a compreensão da realidade.

Com relação ao Hip Hop enquanto manifestação artística, explicitamos os três elementos que o compõem, que são: o grafite, o rap e o break. O trabalho com o grafite foi desenvolvido junto à obra de Van Gogh, traçando as possíveis analogias. De acordo com Fialho; Araldi (2009, p.78),

Grafite corresponde às artes visuais no *hip hop*. Por meio do desenho, o grafite procura expressar “a revolta, a discriminação e a falta de reconhecimento”. Em muros e painéis ele imprime retratos do cotidiano periférico. O grafiteiro é diferente do pichador que está mais interessado em se divertir e buscar a fama.

De acordo com o artigo “*Grafite*” de Eliane Percília, postado no site Brasil Escola, o grafite tem suas raízes históricas calcadas na “forma de expressar toda a opressão que a humanidade vive, principalmente os menos favorecidos, [...] o grafite reflete a realidade das ruas.” De acordo com Percília (2012), o grafite chegou ao Brasil no final da década de 1970, na cidade de São Paulo. Essa manifestação artística fora incrementada por alguns trejeitos da cultura brasileira e hoje é conhecido como um dos melhores a nível mundial. Há muitas polêmicas em torno dessa manifestação artística pelo fato de a mesma ser confundida com a pichação, que é um ato de vandalismo. Dessa forma, foi importante, durante o processo de trabalho com esta arte, a desmistificação de sua relação com o vandalismo. Fizemos isso por meio da exibição de uma reportagem jornalística do programa *Conexão Repórter* da emissora *Sistema Brasileiro de Televisão – SBT* – sobre a Pichação e suas consequências agressivas para a sociedade, e com o documentário caseiro “*Grafite: a arte que se faz nos muros*”, realizado pelos grafiteiros *Bruno, Carlos Alexandre “Farinha” e Jackson*, em que os mesmos salientam a historicidade do grafite enquanto Arte e as dificuldades que possuem em relação ao desenvolvimento dessa manifestação artística, justo pelo fato desta ser confundida com a pichação.

No que diz respeito ao Rap, Fialho; Araldi (2009) nos trazem uma contextualização das origens deste movimento musical que nasceu no bairro do Bronx, em Nova Iorque, no final da década de 1960:

Este movimento surge para contrapor as condições socioeconômicas instaladas naquela região em função da Revolução Industrial. O cenário do Bronx nessa época revelava uma situação de calamidade pública, onde o desemprego, o crime, a violência, as drogas predominavam. Em busca de alternativas de vida, jovens artistas da comunidade começaram a promover festas comunitárias estimulando

diferentes expressões artísticas, por meio de batalhas, envolvendo a dança, a rima, a *performance* em toca-discos e o grafite (FIALHO; ARALDI, 2009, p. 77).

Segundo as autoras, o rap é uma poesia cantada, e as variações desse estilo musical acontecem de acordo com o conteúdo da letra. Nesse sentido, podemos salientar aqui a importância da música no desenvolvimento do ser humano, dando ênfase à mesma como promotora de interação e socialização, desenvolvendo as funções mentais superiores, Scherer (2007) enfatiza que:

[...] a música como linguagem tem muito a contribuir para o desenvolvimento integral da criança, por meio de manifestações/produções sonoras, movimentos corporais e ritmo que utiliza os sentidos humanos, fazendo com que o sujeito adquira a leitura do ser individual e social, transformando suas relações interpessoais (SCHERER, 2007, p. 107).

Assim, levando em consideração que o público alvo do projeto que fora aplicado são crianças e adolescentes, podemos inferir que a música abarca um potencial significativo de desenvolvimento.

Ainda na cultura Hip Hop, tratamos do Break, um dos três elementos desta cultura. Podemos considerá-lo uma dança, especificamente:

Break (que significa quebra) – é a dança do hip hop. É a expressão física que tem como característica marcante gestos “quebrados”. É uma dança praticada em roda, onde os dançarinos (b.boys e b.girls) mostram uma variedade de passos. (FIALHO; ARALDI, 2009, p. 78)

O verbo quebrar possuía um valor de protesto, que se revelava por meio da dança. Durante a guerra do Vietnã, muitos jovens foram levados a óbito. E foi nesse mesmo contexto histórico que muitos jovens porto-riquenhos utilizavam a dança para protestar em relação ao exército americano¹.

Com relação à obra “Noite estrelada sobre o Ródano” de Vincent Van Gogh, escolhemos Van Gogh por que este foi um artista de renome no que diz respeito à dramatização de sentimentos cunhada nas artes plásticas, e entre as suas obras, o quadro “Noite estrela sobre o Ródano” nos despertou interesse e fascinação por, ao mesmo tempo, representar a realidade e transbordar os sentimentos do pintor em relação ao que é real, na

¹ *Hip Hop: O movimento das periferias*. Disponível em <http://portalraizes.org/index.php?option=com_content&view=article&id=14:hip-hop-o-movimento-das-periferias&catid=8:nossa-ginga&Itemid=9> Acesso em: 23. Abr. 2012.

intenção de recriá-lo por meio da Arte. Buoro (2001) destaca a importância da visualidade no desenvolvimento do ser humano, mediante a conexão que o mesmo faz entre o mundo exterior e o mundo interior, uma relação intrínseca entre homem e mundo. A autora deixa nítida essa relação entre o homem e o mundo, em que o ser humano faz uso da manifestação artística como uma forma de abstrair o real e expressar seus sentimentos, possibilitando, por meio da atividade imaginativa, o processo de criação. Mas e o criar? De onde vem essa necessidade de criar? Em sua obra, Buoro (2001) enfatiza uma citação de Caio Fernando de Abreu, em que o mesmo estranha essa necessidade de criar, visto que essa vontade é advinda da insatisfação com a realidade, em que recriá-la é uma forma para suportar o real.

A princípio, uma breve contextualização da vida do artista para a compreensão das condições históricas, sociais e culturais nas quais ele deu traço à obra, facilitando na interpretação da mesma. Em uma carta ao seu irmão Theo no ano de 1889, Van Gogh revela: “Esta é a eterna questão, a vida é só isto ou conhecemos só um hemisfério antes da morte? Quanto a mim, não sei responder, mas a visão das estrelas sempre me faz pensar” (ANDERSON, 1995, p. 64).

De acordo com as cartas, a obra fora pintada por Vincent Van Gogh em 1889 e encontra-se atualmente em exposição no Museu d’Orsay, em Paris. Esta cena noturna baseou-se numa experiência comovente da escuridão sem fim, que Van Gogh descreve numa carta ao irmão: “Uma vez fui dar um passeio pela praia deserta, à noite. Não foi alegre, nem triste – foi belo.” O Ródano (francês Rhône) é um importante rio europeu que tem sua nascente na Suíça e acaba seu curso na França, onde deságua no mar Mediterrâneo, sendo o rio mais importante a desaguar na Europa².

Segundo Walther (2006), Vincent Van Gogh nasceu no dia 30 de março no ano de 1853, em Groot-Zundert, uma cidade em Brabante. Por seu pai ser pastor, Van Gogh herdou seus sentimentos em relação à religião, o que caracteriza seu trabalho artístico. Tinha uma amizade muito forte por seu irmão Theo, o qual o sustentou durante longos anos, incentivando-o na carreira de pintor. Ao longo de sua vida pintou muitos quadros, que detonavam sua extraordinária percepção das cores. O hábito de pintar paisagens permaneceu com o artista até a sua morte. Em processo na realização de uma de suas obras tentou suicídio com um tiro no peito em questão de problemas familiares. Após dois dias do incidente, Van Gogh morre, no dia 29 de julho de 1890, sendo enterrado no cemitério de Auvers.

² *Cartas de Van Gogh*. Disponível em: <http://vangoghletters.org/vg/by_correspondent.html> Acesso em: 12. Abr. 2012.

Com o intuito de propor aos alunos uma analogia com a obra de Van Gogh, apresentamos o soneto Via Láctea XIII de Olavo Bilac, em que o poeta expressa por meio do soneto a sua admiração pelas estrelas. Segue abaixo o soneto:

*“Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo,
Perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...*

*E conversamos toda a noite, enquanto
A via-láctea, como um pálido aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.*

*Dizeis agora: "Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?"*

*E eu vos direi: "Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas”.*

Entendemos ser de extrema relevância falar aos alunos sobre a vida de Olavo Bilac para que os mesmos tivessem o conhecimento do contexto histórico em que o autor compôs o soneto, porquanto a relação entre autor e obra é intrínseca para a compreensão da mesma. Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac nasceu no Rio de Janeiro no dia 16 de dezembro de 1865. Iniciou dois cursos superiores, medicina e direito, mas não concretizou nenhum, dedicando-se ao jornalismo e à literatura. Exerceu diversos cargos públicos. Foi membro-fundador da Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira de número 15. Estreou na literatura com o volume *Poesias* (1888). Fazia parte do parnasianismo, um movimento literário que cultuava a forma da poesia, os escritores deste movimento eram vistos como escultores, pelo fato de “lapidarem” suas poesias. Morreu no Rio de Janeiro em 28 de dezembro de 1918³.

³ BILAC, Olavo. *Poesias*: Texto integral. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002, p. 225-226.

5 UMA PROPOSTA DE ARTICULAÇÃO ENTRE AS VÁRIAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS

Como já explicitado, a princípio levamos aos alunos as origens da cultura Hip Hop e as suas especificidades, para que compreendessem tal cultura enquanto uma manifestação artística, apresentando os três elementos que compõem o Hip Hop, que são o Grafite, o Rap e o Break. Realizamos uma contextualização histórica de cada um deles, constituindo analogias e apresentando artistas, obras e vídeos condizentes a cada um desses elementos.

Num segundo momento, apresentamos aos alunos duas obras artísticas, uma obra das artes plásticas, “Noite Estrelada sobre o Ródano (Vicent Van Gogh)”, e o soneto “Via Lactea XIII (Olavo Bilac)” e a música “Ouvir estrelas” da banda Kid Abelha – música esta inspirada no soneto em questão –, desvelando aos alunos as formas diferenciadas de expressar sentimentos, visto que nessas obras os artistas usam do simbolismo das estrelas para expor as inquietações da alma humana, entretanto, fazem isso por meio de manifestações artísticas distintas. É importante salientar que contextualizamos para os alunos em relação a quem eram esses artistas – Vincent Van Gogh e Olavo Bilac –, e o período histórico em que viveram e realizaram tais obras.

Apresentamos aos alunos o projeto O Teatro Mágico, projeto este idealizado pelo músico e compositor Fernando Anitelli. O nome nasceu pela influência literária do livro *Lobo da Estepe* de Hermann Hasse, assim como o título do primeiro disco, “*Entrada para Raros*”⁴. O grupo se diferencia por expor em músicas e apresentações diversas manifestações artísticas, bem como a música em si, a poesia, a arte circense, dança e teatro. Por isso optamos pelo projeto, com o intuito de que os alunos identificassem e compreendessem a articulação entre as várias Artes. Utilizamos o disco *Entradas para Raros*, especificamente a música “*Amém*”, em que Fernando Anitelli recita a poesia ao som de instrumentos musicais. Na música “*Fé Solúvel*” é retratada a perda da fé na vida pelo excesso de razão lógica que não deixa espaço para sentimentalismos e da solidão que isto causa obrigando o homem a fechar-se em si mesmo, parafraseando o famoso “*Poeminha do contra*” de Mário Quintana. Podemos verificar a presença de diversos gêneros musicais presentes nas melodias das composições, como gingados de forró e canções folclóricas na música “*Camarada D’agua*” e “*Zalujejo*”, o rap em “*O tudo é uma coisa só*”, o romantismo levado nos suaves toques do violão em “*Ana e o Mar*”, “*Realejo*” e “*O anjo mais velho*”, a música eletrônica em “*Uma parte que não tinha*”, a presença do rock nas fortes batidas no violão em “*Separô*” e “*Pratododia*”.

⁴ Sobre O Teatro Mágico. Disponível em: <<http://oteatromagico.mus.br/sobre>> Acesso em: 07. Mai. 2012.

Desse modo, por meio da exposição de alguns trechos do show do disco *Entrada para Raros*, os alunos analisaram a presença dos diversos gêneros nas músicas, da poesia, arte circense, teatro e dança nas apresentações dos artistas no decorrer do espetáculo, identificando-as por meio de anotações em folhas cedidas pelas professoras contendo o nome de cada música.

Como manifestação dos sentimentos dos alunos, propusemos três atividades artísticas, em que a primeira se constituiu em compor um Rap em grupo e apresentá-lo incrementado com o break e demais manifestações artísticas de acordo com suas preferências. Essa composição se deu a partir de músicas da banda de rock *Legião Urbana*, especificamente “*Eduardo e Mônica*”, “*Que País é esse?*” e “*Índios*”. Escolhemos essas músicas, e principalmente a banda, por trazerem em suas letras conteúdos significativos que vão ao encontro da realidade dos alunos, bem como paixões e injustiça social. Além de que, ao apresentarmos aos alunos algumas músicas do cantor *Gabriel O Pensador* – um dos rappers de mais renome do cenário musical brasileiro – voltamos uma atenção maior a uma música em específico, “*Palavras Repetidas*”, em que o artista em questão compôs um rap traçando analogias com a música “*País e Filhos*” da banda *Legião Urbana*. Consideramos essa articulação entre o rap e o rock clássico de extrema relevância, por isso, propusemos uma prática pedagógica para os alunos em torno dessa ideia.

Segue abaixo um dos raps que os alunos fizeram, sendo este a partir da música “*Que país é esse?*”, da banda *Legião Urbana*, intitulado *Rap da desigualdade*:

Nas favelas, no senado
Exploração pra todo lado
Ninguém respeita os direitos do cidadão
Só pensam em roubar, matar e pichação

Que país é esse?
Desigualdade social
Que país é esse?
Direito desigual

Em toda a nossa nação
Entrando e matando na casa do nosso irmão
Essa é a verdade, ninguém respeita não
Do leste ao Nordeste vão ouvir nossa canção

Que país é esse?

Desigualdade social

Que país é esse?

Direito desigual

Nosso país é marcado por injustiça social

Os cidadãos são tratados de forma desigual

Enquanto os playboys passam na rua de carrão

Os pobres da favela passeiam de fuscão

Que país é esse?

Desigualdade social

Que país é esse?

Direito desigual

Possibilitamos também uma releitura do soneto de Bilac, pelo qual os alunos construíram um rap, fazendo as alterações, acréscimos e ritmos necessários. Nesse momento explicitamos para eles a importância da música no desenvolvimento do ser humano. Com relação à releitura do soneto, dividimos as crianças e adolescentes em quatro grupos, conforme a quantidade de estrofes do soneto, em que cada grupo fez uma releitura de uma estrofe. Para a elaboração, disponibilizamos um tempo para que pesquisassem em dicionários sobre as palavras que não entenderam o significado ou que não conheciam. Segue abaixo a releitura do soneto:

Ora, você está ouvindo estrelas?

Perdeu a noção, Eu vou te dizer então

Que para ouvi-las

Pense e escute com o coração.

Toda noite eu fico conversando com as estrelas

E de repente vem o sol e me faz perde-las

E quando acordo de manhã abro a janela

Mas eu só vejo o sol e não vejo o brilho dela.

Falarei agora: meu mano, meu amigo

Olha bem com quem você conversa

Parece falar com louco invisível.

Eu vou te dizer: entenda as estrelas

Pois quem ama tem ouvidos

E consegue entende-las.

Na terceira atividade, partimos da forma pela qual o artista Vincent Van Gogh expressou seus sentimentos e singularidades na obra “*Noite estrelada sobre o Ródano*”, para então intentarmos uma obra de grafite em um muro disponibilizado pela instituição, promovendo a expressão de sentimentos dos alunos de modo artístico. Assim, por meio de tintas e spray disponibilizados pelas professoras, as crianças e adolescentes expressaram-se artisticamente, dispondo no muro aquilo que apreenderam durante os três dias os quais estivemos ministrando sobre a Arte e as suas diversas manifestações. Inspirados pela obra “*Noite estrelada sobre o Ródano*” de Van Gogh, a música fascinante do *Projeto O Teatro Mágico* e o soneto e música “*Ouvir estrelas*”, os alunos grafitaram estrelas, notas musicais, transcrevendo junto aos desenhos a releitura do soneto.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aplicamos o nosso projeto no decorrer de três dias, os quais nos permitiram observar, ainda que minimamente, os limites e possibilidades da humanização por meio da manifestação artística. Durante a nossa prática, alguns dizeres e momentos com as crianças e adolescentes, em específico, nos chamaram a atenção de um modo diferenciado. Ao desvelarmos aos alunos a obra “*Noite estrelada sobre o Ródano*” de Vincent Van Gogh, notamos que ficaram admirados e fascinados pela obra, contudo, ao perguntarmos o que sentiam ao vê-la, não sabiam expressar-se em relação aos sentimentos que neles foram despertados por meio da obra. Diante disso, averiguamos a limitação que aqueles sujeitos possuíam quando o assunto em questão era a expressão de sentimentos, e então começamos a falar sobre a vida de Van Gogh e especificamente sobre as condições as quais o artista produziu aquele quadro, e nesse momento os alunos iniciaram uma discussão a respeito do sentimento de angústia que a obra transmitia: “Quando eu olho *pra* essa pintura eu imagino que ele *tava* triste porque *desenhou* um casal e uma paisagem bonita, mas ele se sentia sozinho.” (K. H.). Interessante o modo como o aluno fez sua leitura da obra a partir do momento em que teve conhecimento da vida do artista e do contexto histórico e social que o mesmo viveu.

No decorrer da elaboração dos raps que se deram com base em músicas da banda *Legião Urbana*, a conversa com um dos integrantes dos grupos de alunos nos pareceu

reveladora. Conversávamos sobre a letra da música “*Que País é esse?*” e as possibilidades de modificações na letra e no ritmo para a formação do rap, quando R. S. disse: “No Brasil os *político* só *roba*, não respeita os *cidadão*. Eu acho que tem muita desigualdade no Brasil, porque tem gente que anda de carrão e outros não têm nem um carro pra andar, tem que *andá de a pé*”. Entendemos por meio da fala de R. S. que o mesmo possui, ainda que de forma minimizada, consciência das contradições sociais oriundas da divisão da sociedade em classes.

No momento em que os alunos estavam grafitando no muro disponibilizado pela instituição, notamos que enfatizavam uns aos outros que estavam “fazendo Arte” e não pichando, denotamos que compreenderam a diferença entre grafite e pichação, em que o primeiro é uma manifestação artística que expressa sentimentos, e a segunda, que não deixa de ser uma expressão de sentimentos, contudo, ocorre de forma banal e com o intuito de agressão visual.

A realização desse estágio supervisionado nos possibilitou analisar o poder da Arte frente à sensibilização do homem, em que, por meio de um ensino da Arte para além da reprodução, pautado na capacidade imaginativa e criadora, o homem possa agir e transformar a sociedade em que vive (BARROS; GASPARIN, 2009).

A partir do ensino da Arte com o intuito de que as crianças e adolescentes envolvidos no projeto refletissem sobre a manifestação artística enquanto produção social, intentamos desvelar a eles a produção de sua própria arte como uma maneira de identificar o contexto social em que os mesmos estão inseridos, vislumbrando a manifestação artística como uma forma de exteriorizar o que outrora se encontrava interiorizado, propagando os seus pensamentos e sentimentos com relação aos outros e ao mundo (BARROS; GASPARIN, 2009).

Sendo assim, consideramos este trabalho de extrema relevância para a nossa formação acadêmica, porquanto nos permitiu averiguar, ainda que minimamente, as possibilidades de humanização do homem por meio de um ensino coerente e contextualizado da Arte, vislumbrando a articulação entre teoria e prática se efetivar na realidade, culminando na aprendizagem do conhecimento cientificamente elaborado.

7 REFERÊNCIAS

ANDERSON, Janice. **Vida e obra de Vincent Van Gogh**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.

BUORO, Anamelia Bueno. **O Olhar em Construção**: Uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 5. ed. São Paulo: Cortez. 2001.

BILAC, Olavo. **Poesias**: Texto integral. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.

BRASIL. Resolução CNE/CP n. 1 de 15 de maio de 2006. Institui Diretrizes Curriculares para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura.

FIALHO, Vania Malagutti; ARALDI, Juciane. Fazendo rap na escola. **Música na educação básica**. v. 1, n. 1. Porto Alegre: 2009. p. 76-82.

GASPARIN, João Luiz. BARROS, Gabriela de Angelis. **As novas exigências histórico-educacionais do ensino de artes na contemporaneidade**. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/_GT4%20PDF/AS%20NOVAS%20EXIG%20CANCIAIS%20HIST%D3RICOEDUCACIONAIS%20DO%20ENSINO%20DE%20ARTES.pdf> Acesso em: 19. Mai. 2012.

Cartas de Van Gogh. Disponível em: <http://vangoghletters.org/vg/by_correspondent.html> Acesso em: 23. Abr. 2012.

GOHN, M da G. **Educação Não-Formal e Cultura Política**: Impactos sobre o associativismo do terceiro setor. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

Hip Hop: O movimento das periferias. Disponível em <http://portalraizes.org/index.php?option=com_content&view=article&id=14:hip-hop-o-movimento-das-periferias&catid=8:nossa-ginga&Itemid=9> Acesso em: 23. Abr. 2012.

LIBÂNIO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARX, Karl. Manuscritos econômicos-filosóficos, in GIANNOTTI, José A. (1991). **Karl Marx**. São Paulo, Nova Cultural, 5. Ed. (col. Os Pensadores).

MEKSENAS, Paulo. **Pesquisa Social e ação pedagógica**: conceitos, métodos e práticas. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

Sobre O Teatro Mágico. Disponível em: <http://oteatromagico.mus.br/sobre>. Acesso em: 07. Mai. 2012.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Artes**. Curitiba, 2008.

SECRETARIA DA AÇÃO SOCIAL. **Plano de Ação**. Prefeitura Municipal de Campo Mourão – Paraná, 2011.

PERCÍLIA, Eliane. **Grafite**. Brasil Escola, 2012. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/artes/grafite.htm>. Acesso em: 23. Abr. 2012.

SCHERER, C. A. GOULART, A. M. P. L. A contribuição da música no desenvolvimento psíquico da criança. **Anais** do II Encontro de Produção Científica e tecnológica, 24 a 26 de outubro de 2007. FECILCAM/NUPEM. Campo Mourão: Gráfica Mourão, 2007. p 105-107.

TONET, Ivo. **Educar para a cidadania ou para a liberdade?** Florianópolis: Perspectiva, 2005. v. 23, n. 02, p. 469-484.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

VIGOTSKI, Lev S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALTHER, Ingo F. **Vincent Van Gogh 1853 – 1890: Visão e Realidade**. Berlim: Tachen, 2006.